

O IDEAL

ORGAN LITTERARIO



ANNO I

Florianopolis, 11 de Novembro de 1906.

NUM. 26

O IDEAL LITTERARIO SEMANAL

Assignaturas

CAPITAL	
Trimestre	2\$000
INTERIOR E ESTADOS	
Trimestre	3\$000

PAGAS ADIANTADAMENTE

REDACÇÃO

Rua 16 de Abril n. 20

Redactor—*Clementino Britto.*
Secretario—*Godofredo Oliveira.*
Thesoureiro—*Irineu Licramento*

Os originaes devem ser entregues até terça-feira de cada semana.

A redacção não se responsabilisa pelas opiniões emittidas pelos seus collaboradores.

PARASITAS DA IMPRENSA

Prevenimos aos nossos assignantes em atrazo que acha-se encarregado da cobrança o sr. Herodiano Brazinha e os que não pagarem verão, no proximo numero, os seus nomes no Album dos Parasitas da Imprensa.

Não fazemos excepção.

A REDACÇÃO

O PRIMEIRO E ULTIMO AMOR

Descuidosa do futuro, vivia uma morenita em sua modesta habitação, rodeada de todos os carinhos, de todos os affectos, de todo o amor, enfim de sua extremecida familia.

Nunca amára; era livre o seu coração; mas, n'uma manhã lindissima, em que o céu mostrava-se azul e o sol dardejava seus raios por toda a Natureza, Alice, chegou innocentemente á janella de seu quarto, volveu o olhar para o jardim que ficava á pouca distancia de sua casa, e ahí viu um moço de estatura regular e bastante sympathico, que lançou um olhar que feriu o seu coração; então Alice sentio a chamma do seu primeiro amor!

Ahi permaneceram algumas horas, n'essa doce distracção.

Porém, mais tarde, o joven retirou-se, sem que Alice tornasse a vê-lo durante longo tempo.

Em uma manhã serena, ella dirigese á Igreja para assistir a missa, e teve

ahí a satisfação de encontrar-o novamente, e ao mesmo tempo expandir a sua paixão.

A morenita, cheia de contentamento, ouviu dos labios de seu amante a doce confissão do amor.

Mario dizia: como eu te adoro, em tudo eu te vejo, no sorrir dos anjos, no desabrochar das flôres, no alvorecer da aurora, em tudo eu te venero!

A moça baixou a cabeça e deixou cahir de seus olhos uma lagrima como prova de seu amor!

Ella o amava com toda a pureza de sua alma, mas temia de confessar o primeiro amor brotado em seu coração, porque mais tarde poderia ser trahida por aquelle que ella havia escolhido para eleito de sua afeição.

Emfim, dominada pela força irresistivel que prende os corações, confessou que o amava e que nunca o olvidaria, porque era elle o seu primeiro amor, e por elle o seu coração pulsava ardentemente.

Assim amaram-se alguns mezes sem a menor contrariedade; mas repentinamente, o destino veio transformar a felicidade do amor de Alice: seu amante foi obrigado a partir para regiões longinquas, e n'essa viagem pôz termo ao seu affecto.

O vapor em que viajava, naufragara, e elle teve por sepultura o grande mar.

A inditosa moça, ao saber da tremenda desgraça, que arrebatára o seu amante, ficou sem sentidos, e, por fim, enlouqueceu, indo terminar os ultimos dias de sua existencia n'um Hospital, a soluçar dia e noite o nome do seu primeiro e ultimo amor!

MARILIA DE DIRCEU

5-11-1906.

PALLIDA

Pensas?

Quando a existencia se deslisa serena e bella, como transparente regato por entre perfumosas flores, em que se pode pensar?

E a tua vida é assim: flor peregrina desabrochada á luz santa e pura de formosa primavera, afagada pelas brisas garrulas da felicidade, osculada pelos colibris irrequietos da esperanza, namorada pelo céu azul das venturas scintillantes.

O sol esplendido das alegrias pe-

rennes desfolha sobre a tua fronte de anjo os seus raios luminosos em ondas de ouro.

Jamais uma navemsinha mareou por um momento o setim brilhante do céu dos teus jubilos divinos.

Jamais agitou-se por um instante só o mar cor de rosa des teus folgueiros.

Jamais o zephyro olente, que embala a flor dos teus sorrisos, soprou mais forte um momento...

Em que pensas, pois?

No passado?...

A lorneceste criança debil, de fronte de alabastro, cabello louro e annellado, olhos azues e inquietos, sorriso petalante e meigo... e despertaste moça, de fronte morena, cabello negro e opulento, olhos languidos, sorriso doce de anjo.

O passado foi um sonho: teve um fim.

Pensas no presente?

Mas o teu presente é como um fio de pêrolas desatado sobre areias de ouro.

Os teus dias succedem-se sempre calmos, sempre serenos, sempre bellos.

Pensas no futuro?

De que serve pensar no futuro, si não podemos penetrar-lhe os mysteriosos arcanos?

O futuro é insondavel como um abysmo sem fundo...

Não penses mais.

Levanta a fronte e sorri-te á vida.

Deixa as seismas para os que sofrem, para os que choram.

Sorri-te á vida, que é toda luz, toda flores, toda perfumes.

Não penses mais.

H.

CONGRESSO AMERICA

Esta sympathica Associação realisa hoje, ás 11 horas da manhã, em sua sede social á rua Tiradentes n. 14 (sobrado) afim de tratar, de assumptos importantes.

Para essa sessão pede a directoria o comparecimento de todos os srs. socios.

MYSTERIOSA

AO ALVARO SOUZA

Visão, anjo, mulher, o que és tu? eterna companheira de meus passos. Em que paragens nasceste? que brisa, afagou-te primeiro teu rosto angelical? que perfumes embala am teus doces sonhos de criança? Contemplo-te extasiado, vejo o brilho adamantino que se desprende de tuas pupillas, azues como o firmamento e profundas como o oceano, e não te comprehendo mulher mysteriosa.

Mas porque, jamais teus labios se entreabriram, para pronunciarem siquer uma unica palavra de amor, para deixarem transparecer a mais leve sombra de um sorriso, que visesse como um beijo divino, aplacar as dores de minh'alma; — parece que teu coração afundou-se nos barathros da descrença, envolto no crêpe da tristeza. — Talvez sintas saudades do passado, e agora, no silencio extatico de uma contemplação muda, busques na mente attribulada, as phrases apaixonadas, que por entre alluviões de olhares meigos, escutavas, sorrindo amorosamente, innocentemente.

Eras criança, alegre e prazenteira como uma aurora de Maio florido, sorris, com as delicias da quadra risonha que atravessavas, e sentias o bafejar fagueiro da esperança que só acaricia aquelles, que sulcam a estrada rosada da Juventude.

Depois creceste, e hoje, volves saudosa os olhos de tua alma para o passado, querendo divisar através a confusão disforme dos sonhos que se perderam, os momentos felizes que gozastes, as ternuras infinitas que fruístes.

Que transformação! Mysterios da vida!...

Mas, deixa essa tristeza acabrunhadora em que vives, afoga essa indiferença esmagadora que sombrêa teus gestos, abandona essa contemplação monotona que te paralisa os movimentos, lançando-te n'um extase, no qual só verás as scenas que já foram vistas no tempo, que passou, e o futuro desvendando-se a teus olhos, te dará novos dias de venturas — auroras de amor despontarão sorrindo: — em teu coração virgem, soarão em suavissimos accordes, as notas dulcissimas dos affectos divinos.

Ouvirás ainda, embevecida, o lyrisimo admiravel de uma confissão de amor, ao suspirar cadenciado das auras, e então, anjo seductor, uma luz extraordinaria te offuscará a vista, a não ser Elle, nada mais verás; harmoniosissimas cantatas soarão a teus ouvidos, teus labios se fundirão n'uma estonteante confusão de beijos, e o amor triumphante se aninhará em teu coração immaculado.

Sonharás com cortejos infinitos de anjos, e tu entre elles, bella e sorridente, acariciada pelos clarões scintillantes de myriadas de estrellas, enlevadas pelos canticos divinos, nas paragens maravilhosas do céu. São os sonhos do amor, principio da paixão.

Uma noite sonhei-te! Divisei-te entre anjos de alvas tunicas, semelhante a lyrios colossaes, beijados pelos reflexos brilhantes de grandes sões de ouro, sorris, e elles acompanhavam-te, distrahidamente, nessa explosão innocente da alma.

Depois acordei; as vistas com as quaes a illusão, tão bellamente me afagara em sonho, desapareceram, operara-se a terrivel mutação do teu ser, — a realidade esmagava-me de novo o coração... sempre o mysterio terrivel a rodear-te... sempre essa especie de indiferença sombreando teus gestos... sempre esse encanto mysterioso a envolver a tua silhueta encantadora.

Não te comprehendo, gentil mulher, quizera ver os teus labios enflorados por um riso de amor, que visesse bem do fundo de tua alma, que transparecesse a sinceridade, a espontaneidade; em teus olhos, lampejos de alegrias intimas, bem intimas, do amago do coração, que visessem reverberando por minh'alma, dissipar as trevas que a inundam, pelo teu silencio, pelo teu mysterio.

Amo-te, e se amar-te é crime, perdôa-me... Amarei o teu mysterio, ao sigillo em que te obstinas viver. Se algum dia, desvendarem-se os véos que te envolvem, dai-me, o primeiro sorriso de teus labios, que eu sinta entre as minhas, os primeiros estremecimentos de tuas mãos eburneas, as primeiras pulsações de teu coração innocente.

E com o lyrisimo inebriante de tuas fallas, com o fogo estonteante de teus beijos, que soarão milleniaria-

mente aos meus ouvidos, n'um cumulo immenso de delicias, subiremos... ao céu.

SILVERIO MORENO

X — 1906.

SYMBOLO DA AMIZADE

A' ELLA

As violetas que me offereceste pela vez primeira, traziam em suas odoríferas petalas o osculo sacrosanto do amor.

Quantas noites de luar formoso passei contemplando a belleza daquellas modestas flores, que vinham orvalhadas pelo pranto de teu sensível coração, que sabia o quanto é doce amar-se com ardor.

Senti minh'alma alegre por ter recebido aquellas mimosas violetas que vinham fazer com que eu me esquecesse de ti, que foste sempre a imagem de meus sonhos dourados.

Deus vendo o quanto era puro o teu amor, fez com que um anjo de rutilantes vestes baixasse á terra para abençoal-o, visto ser elle tão puro como o doce aroma da violeta.

SEMPRE-VIVA

Florianopolis, — 8 — 9 — 1906.

NO JARDIM

A GENTIL MONTENEGRO

Era ao cair da tarde...

Diva, sentada em um pequeno banco do jardim de sua modesta e aprasivel habitação, contemplava os páramos celestes. Pequenas nuvens brancas, tocadas pela aragem do norte, rolavam pela superficie placida do céu.

Os passarinhos, esvoaçando por cima das flores, entoavam seus melodiosos cantos, saudando a bella tarde, que desaparecia com o sol no horisonte.

D'ahi a instantes, ouvia-se, muito ao longe, o toque suave da Ave-Maria.

Diva pensava, neste momento, não nas grandezas que a natureza apresentava com todos os esplendores, mas sim no amor puro e santo que dedicava ao seu joven adorado.

Mas foi infeliz no seu primeiro amor, porque esse joven, que ella adorava com vehemencia, não soube recompensar esse grande amor, que seria a sua unica felicidade.

Vendo Diva que seu amor não encontrava recompensa, cahio em um abatimento extremo. Apenas de instante deslisavam de seus labios bellos as seguintes palavras—oh! como è triste amar-se sem encontrar compensação!...

CHRYSOTHEMIS DA SILVA

24—X—906.

CRUZ!

A CHRYSOTHEMIS DA SILVA

(Em retribuição)

A cruz è e amparo d'aquelles que padecem.

P. CHAGAS

Bella e sublime missão, tem sobre a terra a Cruz!

Ella que, em tempos idos, foi para Christo o maior fardo, o mais horrivel martyrio, pois teve que conduzi-la, sobre seus hombros, durante o trajecto pelas ruas de Jerusalem e subir ao Golgotha, no momento em que, homens sem caracter, guiados unicamente pela inveja, o faziam passar pelos mais horripilantes transees; ella que não tinha pena de descarregar, o seu não diminuto peso, sobre o corpo d'aquelle que, soffria tudo com resignação, para remir as dôres da humanidade; ella que, prestou-se aos scelerados, consentindo que lhe pregassem o corpo de Jesus ainda moribundo, hoje tem o sublime encargo de minorar as dôres d'aquelles que padecem, dando-lhes coragem para lutar com as intemperies da sorte!

E' que, Christo disse-lhe:—Tu, que foste a unica companheira na minha adversidade; tu, que acompanhaste todos os meus passos no martyrio; tu, que me deste força e coragem para soffrer todos os opprobios com resignação, sem soltar um só lamento, um só gemido; tu, que no instante d'eu exhalar o ultimo suspiro, me acolheste em teus braços; tu, que deste coragem a minha santa mãe, para soffrer com alento a scena que se representava á seus olhos, fica sobre a terra, que em todos os cantos serão reclamados os teus serviços, porque serás o amparo d'aquelles que padecem!

E a Cruz cumprio esta ultima vontade de Jesus!

Cruz, oh! Cruz, eu te bemdigo!

ISNARCE

Florianopolis, 2—11—1906.

FELICITAÇÕES

Festejou o seu natal, a 8 do corrente, o nosso favorecedor sr. Francisco Godofredo Marques, aquem felicitamos.

ALMA DORIDA

A' C. DUARTE SILVA

Orvalha, virgem pura, com teus prantos,
A flôr que aqui germina onde descauça
Aquella que te deu o ser na vida
Teu amor, teu fanal, tua esperança.

Ella veio dormir entre os cyprestes,
Nesta triste paragem da verdade
Onde vem se tornar em pó, em nada,
A grandeza, o orgulho e a vaidade.

Arranca de teu peito desolado
Uma prece fervente, e a Deus envio
Por est'alma bemdita de tu'alma
Que jaz aqui, tão só, na campã fria.

A. RAMALHO

BRIGAM AS COMADRES

• Brigam as comadres, descobrem-se as verdades. • E' um adagio bem velho, e tão certo como velho.

Todos o conhecem e citam-no, mas todos ignoram a sua origem.

Vou contar o que deu causa ao seu apparecimento no calendario dos annexias.

No tempo em que a rua do Ouvidor, ainda não era do Marechal Deodoro e ainda menos do Ouvidor, mas simplesmente de S. Francisco, por causa da igreja do dito santo, isto è, no tempo de el-rei nosso senhor e do capote de camelião, moravam naquella rua duas comadres—duas velhotas birrentas—que em tempo tinham sido moças e haviam commettido os seus peccadilhos muito pela calada.

Essas duas comadres deram-se sempre como Deus com os seus anjos, e encobriram sempre ao publico os respectivos peccados.

Nunca se separavam. Todos os dias, á missa das seis horas, mesmo que cahissem raios, eram infalliveis; confessavam-se sete vezes por semana; acompanhavam Nosso Pai fóra de horas, e não perdiam novena nem procissão.

A vizinhança, em vista de tão virtuoso procedimento, considerava-as como duas santas creaturas, e ia muitas vezes pedir-lhes conselhos.

Ora, um dia, o diabo, já aborrecido de pactuar com tanto fingimento, sacudio a cauda, coçou a ponta do nariz e disse aos seus chavelhos:

—Vou liquidar aquella firma.

Dito e feito.

Depois de trinta e tantos annos de uma amizade inalteravel e invejada por todos, succedeu que as gallinhas de uma passaram para o quintal da

outra, e foram-lhe ás couves, que não tinham espinhas.

A dona das couves chamou a dona das gallinhas e pediu-lhe que prendesse as suas aves para que não se reproduzisse aquillo.

A outra, que, nesse dia, tinha-se levantado com os azetes, respondeu, carregando o sobr'olho, que cercasse melhor o seu quintal, si não queria as suas couves estragadas.

—Mas, venha cá, comadre; veja como está a minha horta...

—Pois cerque a comadre a sua horta, que as minhas gallinhas não lhe comerão as plantas.

—Mas comadre...

—E não me aborreça!

—Comadre!

—E não me grite, ouviu?

—Oh! mulher!

—Oh! lambisgoia!

E d'ali principiou a coisa: disse tu, direi eu, grito d'aqui, berro d'ali, e armou-se um barulho dos diabos.

A chronica de ambas foi posta ao sol:—o publico ficou sabendo então que aquellas duas velhotas—tão boas, tão devotas, tão santas,—tinhara sido no seu tempo duas peças inteiriças.

—• Brigam as comadres, descobrem-se as verdades. •—disse alguem á vizinhança, que ficara de bocca aberta ao ouvir tanta novidade.

E a phrase pegou, e assumio os fóros de proverbio.

H. N.

CARTA

De um nosso intelligente collaborador que assigna se *, recebemos a seguinte:

« Amigo e sr. Clementino Britto, digno redactor d'O Ideal.—Venho fazer uma correção na minha poesia—*Fôrta da humanidade*.—publicada no ultimo numero d'O Ideal.

O terceiro verso da primeira estrophe não obedece ás regras da metrificacão em que è vasada a mesma poesia.

Escapou-me esse erro, apesar de ter sido a prova revista por mim.

O verso, como está escripto, não è alexandrino.

Tendo eu dito que a minha poesia era na mesma metrificacão da do sr. Lessa, e havendo n'ella um verso errado, não faltará quem julgue que na *Surdina dos infelizes* o verso correspondente está errado tambem, quando está perfeito, completo em todas as suas partes.

Antes que alguém se lembre de criticar-me pelo engano, aliás muito natural, porque em poetas de muito mais largo vôo do que eu, tenho encontrado o mesmo engano, apresso-me a pedir-vos que no proximo numero d'*O Ideal* publiqueis a corrigenda que ora vos remetto.

Vosso
**

Florianopolis, 4—XI—1906.

CORRIGENDA

O terceiro verso da primeira estrophe da poesia—*Forte da humanidade*,—publicada no n. 25 deste jornal, em vez de:

Em si, talvez, quem sabe? de jubilos
[não caiba,

lêa-se:

Quem sabe? em si, talvez, de jubilos
[não caiba.

N'UM POSTAL

A' J. E. L.

Pela passagem de seu XVIII anniversario natalicio

Dezoito annos, senhora,
E' cantar-se a luz d'aurora
Em fina canção florida,
E' colher-se mil estrellas,
Mil flôres, castas e bellas
No vasto jardim da vida.

A. RAMALHO

PELO THEATRO

Acha-se trabalhando em nosso theatro a importantissima companhia dramatica Souza & Comp., da qual faz parte o habil e talentoso artista, já muito conhecido do nosso publico, sr. Alves da Silva.

Entre os dramas com que tem deliciado a nossa exigente platêa, salientamos O CONSELHO DE GUERRA, baseado na grande questão Dreyfus, que abalou por alguns annos o mundo civilisado e que teve por patrono o querido e extraordinario valto de Emilio Zola.

Hoje a companhia, a pedido, repete essa peça.

Album de postaes

A' ELLA

O teu coração é flôr purissima onde Deus depositou esperança e amor, para servir de consolação ao meu coração que soffre.

A A. RAMALHO

O coração que ama e não é correspondido, é o mesmo que uma barca perdida no Oceano.

A JOÃO LIMA
O amor quando é firme, tem por unica recompensa a ingratição.

A LIVIO CLARO
Devemos amar o livro e nunca desprezal-o, porque è elle que nos traz a luz da intelligencia.

SEMPRE-VIVA

SECÇÃO CHARADISTICA

(CONCURSO DE OUTUBRO)

CHARADAS NOVISSIMAS

Ao G. DE BRUXELLAS (em retribuição)

Nesta cidade estava alegre este celebre editor de musica—2, 2.

Tenho repugancia por não ser boa esta pelle—2, 1.

Um fructo azedo—1, 2.

Adnon

E a roda do throno que elle corre com a nota do governador, que come carne humana (*)—1, 1, 1, 1, 1.

G. de Bruxellas

Ao MARAJÓ

Uma herva medicinal tem o irilão de Moysés—1, 2.

Gaio

Ao MANEQÃO

Esta pedra até parece passaro—2, 1.

Dario

ANTIGA

A' NINA (em retribuição)

O canario que eu comprei—2
Pertenceu a esta dama—2
Que outr'ora eu te affimeei
Ser mulher de muita fama.

G. de Bruxellas

ART-NOUVEAU

Ao DANTE

..J.

...A...

...B...

.O...

..T....

.....I...

..C...

..A...

B.....

.A.....

Fructos e fructas.

Plutão

(*) Na quarta combinação ha uma differença de orthographia.

B..... Ao MANEQÃO

..R.....

.A...

....Z

.....I...

..L.....

Estados

Gaio

Ao AMIGO ADNON

...B.....

...I.

..C.....

...H.....

...A...

...R.

.A...

...D.

...A...

Plutão

ENIGMAS

Ao GALDA

Na freguezia de Portugal usa-se esta saia.

Et

No affluente do Minho ha um gibão de couro.

O alfange tem velas pequenas?

Dario

Planta e jogo.

Cabecto

LOGOGRIPHOS

POR LETTRAS

Ao JOSÉ MORITZ

A D E L I A
mulher de quem eu trato, 2,4,5,4,1
'este homem tinha gana; 6,2,1,5,6
ntretanto o seu retrato 2,4,1
he off receu esta semana, 4,5,6
sto prova não ser ella 6,3,3,4,2,4,1
V rrogante, má donzella. 6,2,4,5,4,1

G. de Bruxellas

DECIFRAÇÕES

As do numero anterior, são: Tabo-
sa—Marburgo—Epaminondas—Recu-
sado—Ibis—Alvaro—Alice—Tamisa—
Gabriel—Paraná—Gregorio—Saudade,
Sempre-viva, Rosa, Cravo—Jupiter,
Glauco, Vulcano, Marte, Tritão, Ura-
no—Camelia, Cravo, Borboleta, Ro-
sa, Cravina, Madresilva. Amor-perfei-
to—Rosa, Amalia, Paula, Adelia, Ana-
lia, Adelina, Amelia—Cotia—Sabia—
Vaia—Dala—Iuk—Obi—Muchinga.

NOTA

Continúa a disposição dos srs. chara-
distas o logogrifo, cuja decifração é
uma phrase latina, publicado no nosso
n. 8. O autor offerece um romance ao
primeiro decifrador.

GABINETE TYPOGRAPHICO

NATIVIDADE

48—RUA SALDANHA MARINHO—40